

UMA APRESENTAÇÃO DO ANARQUISMO DE MICHEL ONFRAY¹

AN INTRODUCTION TO THE ANARCHISM OF MICHEL ONFRAY

Bruno Andreotti
Centro de Cultura Social

Resumo

Este artigo tem por objetivo apresentar o anarquismo de Michel Onfray, traçando paralelos entre autores afins como Proudhon, Nietzsche, Deleuze, Foucault e Bey, dando especial atenção aos temas do hedonismo, do contrato e da ética em seu pensamento.

Palavras-chave: Michel Onfray, hedonismo, contrato, ética.

Abstract

This article has the objective of presenting the anarchism of Michel Onfray, drawing parallels between like authors such as Proudhon, Nietzsche, Deleuze, Foucault, and Bey, and highlights his thoughts on hedonism, contract and ethics.

Keywords: Michel Onfray, hedonism, contract, ethics.

¹ Versão ampliada de palestra proferida no Centro de Cultura Social de São Paulo (CCS-SP), em 26 de março de 2011.

Introdução

Este artigo tem por objetivo apresentar o anarquismo peculiar de Michel Onfray. Não tem a pretensão de ser uma *introdução* ao seu pensamento, o que demandaria um espaço maior e uma leitura exaustiva de sua já extensa obra, mas uma *apresentação* como quem apresenta um amigo a outro amigo, comprazendo-se com o fato de haver entre eles certas afinidades imprevisíveis. Para tanto, selecionei nos escritos de Onfray aquilo que produziu um efeito em mim, pois, conforme a própria consideração de Onfray na qual a filosofia só é possível a partir do romance autobiográfico que a sustenta, toda leitura filosófica que não produz efeitos em nossas vidas não passa de oportunismo.

Apresentar Onfray é uma tarefa um tanto ingrata, pois qualquer nota a seu respeito deve mencionar o fato de ele assumir-se e se colocar na tradição do que chamou de “arquipélago de rebeldes”, um continente de insurgentes e insubmissos habitado por anarquistas; acrescenta-se a isso o fato de ele ter sido o fundador e atual professor na célebre Universidade Popular de Caen e de ter escrito uma “contra-história da filosofia”² que pretende mostrar a existência, ocultada pela historiografia tradicional, de uma “filosofia crítica, radical, hedonista, praticável, útil e existencial”, nas palavras do próprio Onfray.

Mas talvez haja um fato menos mencionado e, não obstante, fundamental para uma aproximação ao pensamento de Onfray. Diferentemente de Foucault, que dizia que sua vida pessoal não apresentava nenhum interesse e, por esse motivo, não deveria fazer dela um segredo nem torná-la pública, existe um episódio na vida pessoal de Onfray importante para a compreensão de sua obra. O livro intitulado *A potência de existir*, no qual faz um balanço de sua obra, foi dedicado à sua mãe, que o abandonou em um orfanato aos 10 anos de idade, episódio que é abordado já no prefácio:

Tenho o dever, sabendo o que sei, de contribuir para a paz de minha mãe, de alma intranquã. Só crescemos efetivamente oferecendo aos que soltaram os cachorros contra nós, sem saber o que faziam, o gesto de paz necessário a uma vida além do ressentimento – que requer um enorme desperdício de energia. A magnanimidade é uma virtude de adulto.

Para não morrer por causa dos homens e da sua negatividade, houve para mim os livros, depois a música, enfim as artes e sobretudo a filosofia. A escrita coroou o todo. Trinta livros depois, tenho a impressão de ter condensado minhas palavras. Este prefácio dá as chaves, as páginas que se seguem procedem de todas as minhas obras que, cada uma delas, decorrem

² Onfray iniciou em 2006 a publicação dessa contra-história da filosofia, tendo se iniciado sua publicação no Brasil pela Martins Fontes em 2008, atualmente no terceiro volume da série.

de uma operação de sobrevivência efetuada desde o orfanato. Sereno, sem ódio, ignorando o desprezo, longe de todo o desejo de vingança, ileso de qualquer rancor, informado sobre a formidável potência das paixões tristes, não quero nada mais que a cultura e a expansão dessa ‘potência de existir’ [...]. Somente a arte codificada dessa ‘potência de existir’ cura das dores passadas, presentes e por vir. (Onfray, 2010, p. XXXIX- XL).

Momento de pura afirmação de sua potência de existir, essas palavras revelam um autêntico discípulo de Nietzsche, que aprendeu a abandonar o próprio mestre para tornar-se o que se é. “Quero ser aquele que diz sim”, escrevera Nietzsche, mas não o sim do burro que tudo aceita passivamente, o sim capaz de uma tresvaloração dos valores; capaz de tresvalorar a dolorosa experiência dos anos de orfanato num ato de afirmação e expansão da própria potência. De estar à altura do que nos acontece, dirá Deleuze, ou realizar uma verdadeira escultura de si, nas palavras de Onfray. Chamo atenção para isso, pois não por acaso muitos dos livros de Onfray se iniciam com epígrafes de Nietzsche, e creio que sua obra seja um exercício exemplar do que Nietzsche chamou de “arte da vaca”, a arte da interpretação de seus aforismos. Sabendo que as afirmações categóricas revelam menos uma convicção que uma polêmica, gostaria de situar essa apresentação em algum ponto entre a interpretação pessoal e o rigor acadêmico.

Esse modo de encarar a filosofia encontra ressonância em Foucault (2004), ao lembrar que a filosofia como acesso à verdade e a espiritualidade como transformação do sujeito estiveram durante muito tempo unidas. Dito de outra forma: um eventual leitor foi atraído pelo título, interessado em saber um pouco mais sobre anarquismo ou sobre Onfray, alguns provavelmente com outras leituras sobre os dois termos, mas o que fazemos com toda essa leitura? Em outras palavras, que transformações em nós essas verdades provocam? Como fazer para não fazer uma leitura oportunista do anarquismo ou de Onfray? Nietzsche no prefácio de *Ecce homo* pergunta “Quanta verdade *suporta*? Quanta verdade *ousa* um espírito?”. Perguntas que fazem sentido somente se não desvincularmos filosofia e espiritualidade e que encontram ressonância em outra questão nietzschiana por excelência, que as une e resume: *O que estamos fazendo de nós mesmos?*

Não pretendo dar uma resposta, apenas selecionar para essa apresentação alguns conceitos que considero mais potentes para tal transformação, esperando suscitar as tais afinidades imprevisíveis.

* * *

Como fonte principal para essa exposição utilizarei o já citado *A potência de existir*, um resumo de seus mais de trinta livros em menos de 150 páginas – atrevimento negado aos intérpretes, mas permitido ao autor. E não o faço por indolência, mas por respeito ao que o próprio filósofo considerou essencial em sua obra.

É comum aos comentadores focarem a dimensão ética do hedonismo de Onfray, afinal ele mesmo admite trata-se da sua trilha teórica e existencial, defendendo um pensamento totalizante e sistêmico, forte, sólido, estruturado e coerente na totalidade dos saberes possíveis; é, portanto, seu tema principal, e seus livros o desdobramento desse tema em vários campos do saber: ética, em *A escultura de si*; erótica, na *Teoria do corpo amoroso*; política, em *A política do rebelde*; estética, na *Arqueologia do presente*; epistemológica, em *Espectáculos anatômicos*; metafísica, no *Tratado de Ateologia* (Onfray, 2010, p.29), infelizmente, nem todos traduzidos para o português.

De outro lado, o hedonismo proposto por Onfray é orientado pela noção do contrato. Um tema caro aos anarquistas desde Proudhon com seu contrato sinalagmático e comutativo, e suas denúncias do contratualismo burguês como essencialmente injusto. Pode-se dizer, portanto, que a noção de contrato é fundamental para o anarquismo de Onfray, tal qual o era para Proudhon com seu contrato sinalagmático e comutativo, base da federação.

Para Onfray é o contrato que funda a relação ética³ (Onfray, 2010, p.50), uma vez que os seres humanos são dotados do poder de comunicar. É necessário uma preocupação com o desejo do outro, em conhecê-lo, mas também em comunicar o próprio desejo, e é por meio dessa comunicação que a escrita de um contrato é possível, o que Onfray chama de lógica sinalagmática (Idem, p.51). Ninguém é obrigado a contratar, ninguém é coagido ou forçado a fazê-lo e, uma vez o pacto firmado, não existe razão para rompê-lo, salvo o caso de desrespeito às cláusulas (Ibidem, p.72). O pacto com o outro é, na realidade, um pacto consigo mesmo. Deve-se estar à altura não da promessa que se faz ao outro, mas daquela que se faz a si mesmo (Onfray, 1995, p.44). Contratar é querer formular um projeto para a própria energia, potencializando-a, ao mesmo tempo em que se potencializa a do outro. A liberdade de escolher supõe a obrigação de cumprir (Ibidem, 2010, p.73).

³ Aqui se torna necessário uma digressão: uma relação com o outro é impossível de ser construída se não há uma vontade de construir um Eu, uma subjetividade radical, uma identidade sem duplo, um estilo notável, uma força única... Todo Eu que não é querido, trabalhado por uma potência, talhado por uma energia, se constrói à revelia, constituindo um campo fértil para os determinismos (Onfray, 2010). Logo, tanto esse Eu quanto a ética hedonista não são dados, mas produzidos por um trabalho voluntarista, tangencial nesse ponto ao existencialismo de Sartre.

Ao traçar um paralelo entre a figura do libertário e do libertino, como aquele que não reconhece nenhuma obrigação, lei ou constrangimento, que reconhece a propensão à desobediência (Onfray, 2001, p.202), Onfray lembra a importância do contrato:

Onde o corpo político exige a abdicação da soberania individual, o libertino celebra uma política do corpo; onde triunfam de todas as maneiras as variações sobre o tema do contrato social, ele opõe um contrato hedonista, revogável a partir do único desejo de um dos dois; onde o poder político reina, em última instância com o auxílio da razão de Estado, ele magnifica a paixão singular e individual, o capricho, a vontade de gozo, para ele e para o outro (Idem, p.203).

Reconhece-se na proposta do contrato hedonista certa similaridade com a associação de únicos, proposta por Stirner, e com a federação de Proudhon:

[...] a associação de únicos, a criação de uma dinâmica federalizando essas forças esparsas numa máquina a perfurar linhas inimigas [...]. O devir revolucionário dos indivíduos⁴ deve se reforçar, por razões pragmáticas de eficiência, através de uma mecânica funcionando com o outro [...]. Uma força individual associada a uma outra, realiza sua potência por ela, depois para ela [...] Lá onde triunfam os grandes aparelhos, imensas máquinas produzindo a sujeição, é preciso visar à colação das forças, sua associação. (Ibidem, pp. 257-258).

Invenção de laboratórios libertários onde triunfam as virtudes partilhadas e a sociedade organizada pelo princípio hedonista de gozar e fazer gozar (Ibidem, p.203). Talvez o termo “sociedade” tenha sido uma palavra ruim, embora utilizada na tradução consultada, pois implica algo como uma possível generalização do contrato hedonista “para todos”, essa abstração maldita. Até João da Mata, autor de um excelente livro sobre o pensamento de Onfray, parece exigir dele essa resposta universal quando comenta que Onfray não apresenta uma crítica aos modelos sociais que são dados, deixando lacunas que não equacionam esta relação entre o indivíduo e a sociedade.

Não creio que se trate propriamente de uma lacuna, como um espaço a ser preenchido futuramente, ou uma incompletude, mas simplesmente uma questão que não se coloca, um “falso problema”, ou seja, um problema

⁴ Deleuze (2000, p. 211) comenta que a história capta do acontecimento apenas sua efetuação em estados de coisas. É o ciclo da Revolução: revolução, reação, traição, fundação de um Estado mais forte e opressor (Bey, 2004, p.15). Diante disso, Deleuze investe no devir revolucionário dos homens, algo que escapa à história, incessante e intempetivo.

colocado não pela dinâmica interna da filosofia de Onfray, mas que lhe é imputado ao autor pelo comentador, pois, como lembra Onfray, uma vez que o libertário não é kantiano, ele não conta com essa improvável universalização da máxima hedonista (Ibidem, p.205). Ainda sobre esse ponto: “Uma sociedade anarquista? Está aí uma sinistra e improvável perspectiva. Em compensação, um comportamento libertário, inclusive numa sociedade que pretendesse realizar a anarquia, está aí uma solução ética – logo política!” (Onfray, 2010, p.144). Portanto, é somente levando em conta o contrato hedonista que podemos falar propriamente em uma ética hedonista.

O hedonismo se define positivamente pela busca do prazer, mas também negativamente como evitamento das situações de desprazer (Idem, p.51). O hedonismo supõe um cálculo permanente dos prazeres esperados e dos prazeres possíveis, logo não é um ceder aos prazeres momentâneos, sempre em cada situação (grau zero da ética, como diz Onfray) a soma dos prazeres deve prevalecer sobre a soma dos desprazeres (Ibidem, p.54). O movimento dessa ética é simples e complicado ao mesmo tempo: eleição e exclusão. Proximidade dos que aumentam minha potência, distanciamento e evitamento daqueles que a diminuem, poderíamos dizer num vocabulário espinosista. O desprazer só é justificável e inevitável quando não se pode fazer de outro modo para evitar o império destruidor da negatividade de um terceiro (Ibidem, p.55).

O que Onfray propõe não é uma Moral, conjunto de regras coercitivas que julga ações e intenções tendo como referência valores transcendentais; mas uma ética, conjunto de regras facultativas que avaliam o que dizemos em função do modo de existência que isso implica (Deleuze, 2000).

É na criação do que chama episteme (conceito que toma de Foucault e que pode ser entendido como a configuração que o pensamento assume em uma determinada época, os limites históricos de certa forma de pensar) pós-cristã que está um dos pontos mais interessantes da obra de Onfray. Nietzsche já havia anunciado a morte de Deus no conhecido aforisma §125 de *A Gaia Ciência* (Onfray, 2007, p.192); Dostoiévski já deu forma ao medo que segue à morte Deus em *Os irmãos Karamazov*, pois, se Ele não existe, tudo é permitido. Mas Onfray argumenta justamente o contrário, lembrando, no *Tratado de Ateologia*, que todas as atrocidades foram cometidas não porque Deus não existe, mas justamente pela crença em sua existência. E mesmo aqueles que se dizem *ateus* apenas negam a existência de uma divindade, mas ainda agem de acordo com uma episteme judaico-cristã, que consiste na ideia de que o real e o mundo não esgotam a totalidade, há algo que está além do mundo, que o justifica e legitima (Idem, p.33). Em suma, abdicam da crença na divindade, mas ainda preservam a crença na moral. Crítica similar é encontrada em Stirner, para quem a fé moral é tão fanática como a fé religiosa.

Mesmo no aforismo §125 lemos que a morte de Deus foi anunciada cedo demais e que esse acontecimento ainda estava a caminho, ele demanda tempo: os atos, mesmo depois de feitos, precisam de tempo para ser vistos e ouvidos. Nossa época parece ateia, mas apenas aos crentes. Ela é niilista (Ibidem, p.29). Terceira e última forma do niilismo como estado psicológico diagnosticado por Nietzsche que consiste em após ter procurado no mundo um sentido que não está nele, após tentando encaixar o mundo numa totalidade, numa organização, num sistema que o explique ou que lhe sirva de medida; e após tudo isso ter *falhado*, ainda se almeja a criação de um mundo *verdadeiro*: a crença é mais desejada onde falta a vontade, quanto menos alguém sabe exercer sua liberdade mais deseja alguém que mande, seja Deus ou o Estado. Forças reativas tentam a todo custo sustentar a ideia de Deus, ou, em sua falta, a Moral, esses últimos são os *ateus cristãos* de que fala Onfray, que mesmo negando a existência de Deus ainda ficam presos a uma episteme judaico-cristã.

Onfray argumenta que a moral que se diz laica não passa da reescrita imanente do discurso transcendente. Deus não morre, mas é adaptado para a Terra (Ibidem, p.186). Descristianizar a ética, a política, mas também a própria laicidade é também tarefa do libertário e isso passa pelo trabalho sobre o pensamento de uma época (Ibidem, p.185), criar condições para a emergência de uma episteme pós-cristã: viver sem Deus, sem Moral. O percurso realizado por Michel Onfray em seu materialismo hedonista busca estabelecer-se em direção ao júbilo e ao enfrentamento contra o ideal ascético e contra os laços que a religião propõe (Mata, 2007, p.63). O *condottiere*, personagem conceitual criado por Onfray, que conjuga a ética e a estética da existência para uma atitude anarquista no cotidiano (Idem, p.11), radicalmente ateu, inscreve-se no real diante de si, negando qualquer forma de transcendência, o que lhe vale é a matéria percorrida por fluxos de energias e forças. Seu desígnio é confrontar-se com o que diminui sua potência e tenta enfraquecer sua luta, para, enfim, encontrar seu caminho (Ibidem, p.60).

Portanto, não desvencilhemos o hedonismo proposto por Onfray de seu contrato e de sua ética, não esqueçamos de que se trata de um pensador anarquista e não liberal. O hedonismo de Onfray não é um hedonismo vulgar, não é um narcisismo, o prazer de Onfray não é o prazer liberal, o prazer de ter. Sobre isso, Roberto da Mata (Ibidem) comenta que esse prazer vulgar está ligado à capacidade de consumir, de possuir, de dispor de recursos materiais, de imóveis, dinheiro, todos sinônimos de autonomia na sociedade capitalista. Propor o hedonismo e o prazer nesses termos seria “esvaziar a liberdade de seu conteúdo libertário, estaria reduzida à possibilidade de se inscrever numa lógica mimética, de tomar parte na corrida dentro da qual todo mundo visa à

ascensão aos estágios superiores da escala social proposta num modelo único pelo mundo mercantil” (Onfray, 2001, p.188). Ainda sobre o desejo mimético e de sua capacidade de sedução, Onfray comenta:

O desejo mimético faz do escravo um guardião do templo onde comungam seus senhores porque ele espera, um dia, conseqüentemente, em vão, participar dos banquetes, mesmo que só lhe deixem as sobras. É por isso que a religião do capital, em seu modo virtual, dispõe de tantos sectários: aqueles que dela desfrutam, evidentemente, e aqueles que acreditam poder dela desfrutar um dia e, por essa razão, desejam a manutenção das regas do jogo. (Idem, p. 99).

Em outras palavras só obedece aquele que um dia espera mandar, o hedonismo e o prazer de Onfray são antípodas da liberdade liberal, a liberdade de ter, é um projeto que se inscreve dentro da perspectiva da liberdade libertária, o prazer de ser. Mas por que o prazer de ter é tão atrativo? Por que a religião do capital atrai tantos seguidores? Porque se inscreve na lógica gregária, aquilo que existe de rebanho no homem, nos dizeres de Nietzsche. É cômoda, dispensa a reflexão, a análise, o pensamento. Querer, desejar a liberdade libertária não é fácil:

Fora dos caminhos balizados e das rodovias mentais, a liberdade libertária inquieta. Ela supõe o combate, o temor, a incerteza, as dificuldades, uma imensa solidão e, com muita freqüência, a espantosa sensação de se sentir e de demonstrar estranho no meio daqueles que dão a impressão de serem semelhantes. A escolha angustia, as latitudes oferecidas dentro de sua multiplicidade geram atordoamentos existenciais. A obrigação de tomar uma via a ser inventada desperta antigos terrores, fantasmas de impotência e temores alienados pelo risco do fiasco.[...] A condenação a esta liberdade libertária faz desejar a liberdade liberal, já feita, já pronta e que dispensa qualquer esforço imaginável. (Ibidem, p.189-190).

Portanto, há de se querer e desejar essa liberdade libertária, é requerido um esforço para alcançá-la e aqui chegamos ao cerne do anarquismo de Onfray. Uma vez que não se trata de uma proposta universal (mas universalizável) ou de construir uma sociedade anarquista, como se chega, como se conquista, como se constrói, melhor dizendo, essa liberdade libertária?

Ao levantar a questão de como se pode ser anarquista hoje, Onfray argumenta que um pensamento anarquista contemporâneo deve romper com o fetichismo do Estado. Imaginar o poder somente no local onde se fomentam

a burocracia e a administração de uma nação é eleger um bode expiatório. O poder está em todo lugar, nos ensinou Foucault em suas análises, a resistência também. Uma resistência permanente, a construção da existência para evitar que ela seja uma engrenagem do funcionamento dessa máquina de criar loucos que é o capitalismo (lembremos o subtítulo dos célebres livros de Deleuze e Guattari, *Capitalismo e esquizofrenia*), solitários, sim, se não nos restar mais nenhuma escolha, mas, sempre que possível, associar forças, aumentar as possibilidades de sucesso. A associação de únicos stirneriana ou o contrato hedonista proposto por Onfray oferecem os meios para celebrar a liberdade integral do indivíduo sem isolá-lo, algo que dê forma a um desejo de não compor com a pobreza, a miséria, a injustiça, a exploração da maioria por um punhado de abastados, a revitalização do que Onfray chama de uma mística de esquerda que percorre a História em devir: a igualdade jurídica dos cidadãos, a fraternidade social dos trabalhadores, liberdades estendidas à maioria, a Revolução Francesa, a Comuna de Paris... Enfim, uma força ativa “que sentimos em nós ou não, à qual aderimos ou não. Ela provém menos de uma redução racional do que uma situação epidérmica em relação a si” (Onfray, 2010, p.132):

[...] o libertário contemporâneo antecipa uma atitude, um aspecto, um modo de ser, uma maneira de dizer e de fazer, um *temperamento*. Esta resistência manifesta, a essência da força libertária, pode se ativar em toda a sociedade, quaisquer que sejam as geografias e as histórias. Dentro de uma ditadura ou de uma sociedade liberal, num planeta devastado pelo livre mercado ou nos limites farpados de uma nação com poder totalitário, o libertário permanece o homem da resistência e a ocasião da submissão.⁵ (Onfray, 2001, p.195).

Há, portanto, um ideal da razão⁶: essa resistência rizomática com

⁵ Murray Bookchin (1995) tenta criar um abismo entre anarquismo social e anarquismo como estilo de vida, propondo uma divisão bastante rasa e simplista entre os dois, classificando o primeiro como aquele que busca de alguma forma criar uma sociedade comunista libertária, herdeiro da tradição iluminista e o segundo pautado numa valorização do indivíduo e da autonomia individual que esvaziaria o anarquismo de qualquer conteúdo socialista e abster-se-ia de um comprometimento com qualquer confronto social. Vemos que essa divisão proposta não se sustenta no anarquismo de Onfray (se é que se sustenta em algum) que passa pela valorização do indivíduo, pelo Iluminismo (ver nota seguinte) e incita ao confronto com as instituições de poder.

⁶ Magnanimidade do adulto, projeto, voluntarismo e agora, por fim, ideal da razão. Essas palavras remetem ao Iluminismo, movimento do qual a filosofia de Onfray está certamente impregnada: “Conhecemos o opúsculo de Kant *O que são as Luzes?* Será ainda legível dois séculos depois? Sim. Pode-se e deve-se assinar o projeto, sempre atual: tirar os homens de sua minoridade; portanto, querer os meios de realizar sua maioridade; reconduzir cada um à sua responsabilidade por seu estado de menor; ter a coragem de usar

objetivos claramente definidos pela atualização constante dessa mística de esquerda de que fala Onfray, um revigoramento da política que não passa pelos grandes sistemas, não é molar, mas passa pela molecularidade, pela velocidade e pequenez de dispositivos temíveis, o grão de areia que emperra a máquina:

Essa resistência rizômica se dá no terreno individual – a exemplaridade de uma vida de resistência ou o acúmulo de situações de resistência – ou, mais amplamente, em espaços coletivos, associações de únicos. Essas redes alternativas se tornam imediatamente eficazes, desde a sua criação espontânea, voluntária e deliberada. O contrato de ação dessas associações é pontual, sinalagmático, renovável e capaz de se contentar em visar a energia necessária à inércia, e à sabotagem. Uma vez produzido o efeito, a associação se desfaz, se desagrega e os membros desaparecem.⁷ (Onfray, 2010, p.141).

* * *

Tentei mostrar a importância do contrato para a ética e o anarquismo propostos por Onfray e espero ter propiciado um momento em que as tais afinidades imprevisíveis tenham de fato ocorrido.

Jorge Luis Borges costumava dizer que para se fazer justiça com um autor é necessário cometer uma injustiça com outros. Tentei escapar da verdade contida nessas palavras traçando sempre que possível um paralelo entre Onfray e autores afins como Proudhon, Nietzsche, Deleuze, Foucault para que suas ideias não pareçam fruto da genialidade, essa ficção burguesa; para que adquiram potência e ressonância, para ressaltar que se perde muito pensando sozinho, bem como resistindo sozinho.

Recebido em 31/01/2012. Aprovado em 15/03/2012.

o entendimento; dar a si e aos outros os meios de alcançar o domínio de si mesmo; fazer uso público e comunitário da razão em todas as esferas; não tomar por verdade revelada o que provém do poder público. Projeto magnífico...” (Onfray, 2007, p. XXIII). Foucault (2005), ao analisar o Iluminismo, lembra muito bem que a modernidade por ele trazida não liberta o homem de si próprio, mas lhe impõe a tarefa de elaborar a si mesmo, e essa a tarefa que Onfray tenta recuperar em sua dimensão libertária.

⁷ Nesse ponto o pensamento de Onfray encontra com o de outro libertário, Hakim Bey. Ao formular o conceito de Zona Autônoma Temporária (TAZ, de acordo com a sigla em inglês), Bey (2004) diz que é quase autoexplicativo: um espaço de liberdade que está fadado a desaparecer; argumenta sobre a eficácia das associações não hierárquicas como as redes; o fato de a TAZ ser uma tática de desaparecimento, ela deve desaparecer para não ser capturada. Bey ainda lembra que muitos anarquistas adquiriam a prática do que chama de nomadismo revolucionário, mover-se de revolta em revolta, ou seja, tentar sempre ocupar uma TAZ.

Referências

- BEY, Hakim. **TAZ – Zona Autônoma Temporária**. São Paulo: Conrad, 2004.
- BOOKCHIN, Murray. **Social anarchism or lifestyle anarchism: an unbridgeable chasm**. Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/14280442/Murray-Bookchin-Social-Anarchism-or-Lifestyle-Anarchism-an-Unbridgeable-Chasm>> , 1995.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 2000.
- FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- _____. O que são as Luzes? In: Motta, M. (Org.). **Michael Foucault Ditos e escritos II: Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- MATA, João da. **Prazer & Rebeldia: o materialismo hedonista de Michel Onfray**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2007.
- ONFRAY, Michel. **A escultura de si: a moral estética**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- _____. **A política do rebelde**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- _____. **Tratado de ateologia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- _____. **A potência de existir**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

